

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

YASMYM SUELEN RUTHZ DOS SANTOS BUSSOLARO

**VOZES FEMININAS APAGADAS:
A TRAJETÓRIA DA POETA JÚLIA DA COSTA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO - PR

2018

YASMYM SUELEN RUTHZ DOS SANTOS BUSSOLARO

**VOZES FEMININAS APAGADAS:
A TRAJETÓRIA DA POETA JÚLIA DA COSTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Português-Inglês da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Câmpus Pato Branco como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC II.

Linha de Pesquisa: Literatura Brasileira

Orientadora: Prof.^aMa. Rosangela Aparecida Marquezi

PATO BRANCO - PR

2018



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Pato Branco
Departamento Acadêmico de Letras
Coordenação do Curso de Letras Português/Inglês



DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor (a): **Yasmym Suelen Ruthz dos Santos Bussolaro**

Título: **Vozes femininas apagadas: a trajetória da poeta Júlia da Costa**

Trabalho de conclusão de curso defendido e APROVADO em
30 / 11 / 18, pela comissão julgadora:

Prof.^a Ma. Rosângela Aparecida Marquezi – UTFPR Pato Branco
Orientador(a) e Presidente da Banca

Prof.^a Dra. Franciele Clara Peloso – UTFPR Pato Branco
Parecerista e Membro da Banca Examinadora

Prof. Dr. Marcós Hidemi de Lima – UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:

Prof.^a Ma. Rosângela Aparecida Marquezi
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso
Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês

A folha de Aprovação Assinada encontra-se na Coordenação do Curso.

Com grande orgulho, dedico este trabalho
aos meus pais e professores!

AGRADECIMENTOS

Há muitas pessoas a que se deve este momento de gratulação, dentre elas destaco:

Professores do curso de Letras da UTFPR por toda essa trajetória. Em especial, agradeço à Professora Rosângela Marquezi pelo ato de ensinar pacientemente, pelas correções, pela dedicação, apoio e pelo seu tempo concedido. Além de sua forma admirável de orientar e pela atenção que teve neste longo período, me proporcionou o encontro com o caminho a ser seguido neste trabalho.

À Professora Clara, por todo seu carinho, ensinamento, pela ternura e amor que tem pela educação. Foi uma pessoa de grande importância nesta jornada.

Os meus queridos pais, Elisângela e Eloir, que, como meus primeiros professores, me ensinaram a buscar meus ideais e ter foco e paciência para superar cada obstáculo. Agradeço todo o apoio e força que doaram com grande amor e carinho.

Agradeço à minha família, que esteve sempre me incentivando nos estudos e torcendo pelo meu sucesso.

A todas as pessoas que, de alguma maneira, me ajudaram e apoiaram nesta caminhada.

Obrigada a todos pela cumplicidade!

Um poema de amor ergue-se ao longe
Pelos cerros azuis da fantasia:
É a vida suave que começa
Para os filhos diletos da poesia!

Júlia da Costa

BUSSOLARO, Yasmym, S. Ruthz S. **Vozes femininas apagadas: a trajetória da poeta Júlia da Costa**. 2018 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Gratulação) – Letras Português e Inglês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2018.

RESUMO

Júlia da Costa foi uma autora paranaense que produziu seu único livro de poesias *Flores Dispersas*, em 1867. Tendo vivido entre o século XIX e XX, e casando-se por imposição familiar, passou a maior parte de sua vida infeliz, sendo criticada por tomar decisões que, segundo a sociedade da época, comprometiam a figura da mulher no espaço que se encontrava. Esta pesquisa tem como objetivo resgatar a poeta Júlia da Costa, que foi marginalizada pela história da literatura brasileira, porém contribuiu muito para a literatura escrita por mulheres. A partir de autores que escreveram sobre ela, tais como Gomes (2008), Muzart (2001), Pereira (1982) procurou se fazer um resgate da autora, evidenciando sua importância no meio literário e analisar algumas de suas poesias relacionando-as com sua vida social e sentimental. A partir desta pesquisa, constatou-se que Júlia da Costa foi de fato uma mulher considerada à frente do seu tempo por tomar decisões próprias, inaceitáveis para a época. Sendo assim, se tornou um exemplo para grandes figuras femininas posteriormente.

Palavras Chaves: Júlia da Costa. Vozes femininas. Poesia brasileira.

BUSSOLARO, Yasmym, S. Ruthz S. **Vozes femininas apagadas: a trajetória da poeta Júlia da Costa**. 2018 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Gratulação) – Letras Português e Inglês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Pato Branco, 2018.

ABSTRACT

Júlia da Costa was a paranaense author who produced her only book of poems *Flores Dispersas* in 1867. Having lived between the 19th and 20th centuries, and married by family imposition, she spent most of her life unhappy, being criticized for taking decisions that, according to the society of the time, compromised the figure of the woman in the space that was. This research aims to rescue the poet Júlia da Costa, who was marginalized by the history of Brazilian literature, but contributes a lot to literature written by women. Muzart (2001), Pereira (1982) sought to make a rescue of the author, highlighting their importance in the literary world and to analyze some of her poems by relating them to her social and sentimental life. From this research, it was found that Júlia da Costa was in fact a woman considered ahead of her time to make her own decisions, unacceptable for the time. Therefore, it became an example for great female figures later.

Key words: Júlia da Costa. Female voices. Brazilian poetry.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 MULHER E TRABALHO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX	13
1.1 BREVE HISTÓRICO DO PAPEL FEMININO EM RELAÇÃO AO MUNDO DO TRABALHO.....	13
1.2 A PRESENÇA DA MULHER, COMO ESCRITORA, NA LITERATURA BRASILEIRA.....	16
1.3 UM BREVE OLHAR SOBRE A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NA LITERATURA PARANAENSE	19
2 JÚLIA DA COSTA – UM OLHAR SOBRE SUA VIDA	22
2.1 TRAÇOS DA VIDA DA POETISA JÚLIA DA COSTA: CARLOS DA COSTA PEREIRA	23
2.2 JÚLIA: ROBERTO GOMES	28
3 JÚLIA E SEUS POEMAS: UMA ANÁLISE	34
3.1 <i>A UM JASMIM</i>	35
3.2 <i>MINHA TERRA</i>	37
3.3 <i>QUEIXAS</i>	40
3.4 <i>SÚPLICA</i>	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47

INTRODUÇÃO

A presença da voz feminina na literatura brasileira ocupou um espaço reduzido comparada ao sexo oposto. Por séculos, as mulheres foram educadas somente com a finalidade de servir as tarefas de casa, e a grande maioria, não teve coragem para mudar essa condição imposta. A mulher foi colocada em uma posição inferior ao sexo masculino, deixando-a sem liberdade de escolhas.

Esses estereótipos começam a ser quebrados quando algumas autoras audaciosas começam a dar o primeiro passo. Por meio da literatura, acharam a oportunidade de expor seu modo de percepção, escrevendo sobre a condição feminina no meio social. Importante salientar que por muito tempo a mulher lutou por um espaço na sociedade no qual pudesse ser também reconhecida na história. Sendo assim, com a ajuda da literatura, puderam mostrar suas oposições e revoltas, permitindo que leitoras refletissem sobre o conflito de desigualdade que estavam vivenciando.

Dessa maneira, tiveram a chance de fazer com que muitas mulheres tomassem coragem e buscassem um meio de mudar essa desigualdade entre mulheres e homens, fornecendo uma oportunidade de transformar uma cultura machista, estimulando nas mulheres, por meio da escrita, o poder de decidir seu futuro. É por meio da literatura que as autoras fazem as denúncias do sistema patriarcal, qual era o da época, e trazem a crítica de forma implícita, discutindo a posição da mulher em comparação ao sexo masculino e buscando uma maneira de revidar.

A partir dessas considerações iniciais, o tema desta pesquisa consiste em discutir e analisar o percurso da poeta Júlia da Costa Pereira, ou simplesmente Júlia da Costa. O estudo pretende proporcionar uma maior compreensão sobre sua história, por que foi tão criticada pelas escolhas que fazia, visto que era ousada e destemida para a sua época. Para isso, estudaram-se duas obras que serviram de base para este trabalho: *Traços da Vida da Poetisa Júlia da Costa* (1982), de Carlos da Costa Pereira, e *Júlia* (2008), um romance biográfico escrito por Roberto Gomes.

As histórias dessas obras foram baseadas em cartas escritas pela poeta Júlia da Costa e encontradas por Rosy Pinheiro Lima, que resgatou sua biografia e algumas de suas poesias. Pereira (1982) dá maior destaque ao papel de seu

marido, o “Comendador”, que foi julgado e malvisto pela sociedade após a morte de Júlia. Os relatos que o autor traz na obra ocorrem de outra maneira, assim sendo, visto que faz um estudo detalhado da vida do Comendador. Já Gomes (2008), traz a biografia de Júlia da Costa de forma romanceada, misturando fatos reais com ficção, porém é fascinante e muito interessante de ser lido.

A escolha por essa poeta como tema de estudo, justifica-se pelo fato de Júlia ter sido deixada muito tempo no esquecimento, sendo pouco comentada na literatura. Contudo, teve bravura e determinação para enfrentar essa cultura enraizada pelo preconceito e machismo, tornando-se uma das vozes femininas da poesia brasileira e servindo de exemplo para tantas outras posteriormente, além do interesse de conhecer a história e os fatos que proporcionaram para que Júlia da Costa se tornasse uma grande poeta.

Assim, acredita-se que esta pesquisa contribuirá para o estudo de Júlia da Costa e para a literatura brasileira paranaense, levando em conta aspectos fundamentais como o olhar da sociedade voltado à mulher no século XIX e XX e sua trajetória até os dias atuais.

Para alcançar os objetivos, dividiu-se esta monografia em três capítulos. O primeiro, “Mulher e trabalho na segunda metade do século XIX”, traz a apresentação de um breve percurso da figura da mulher em meados do século XIX, mostrando qual era sua posição na sociedade e quando começou a entrar no mundo do trabalho, fazendo parte de atividades intelectuais e sociais, tendo a oportunidade de fazer literatura – que antes era apenas produzida por homens.

No segundo capítulo, “Júlia da Costa – um olhar sobre sua vida”, apresenta-se um breve percurso da vida e obra da poeta a partir dos dois livros já citados e que são sobre a autora: *Traços da vida da poetisa Júlia da Costa*, de Carlos da Costa Pereira, e *Júlia*, de Roberto Gomes. Neles, cada autor apresenta seu ponto de vista sobre a vida da autora.

Já no terceiro capítulo, “Júlia e seus poemas – uma análise”, faz-se uma breve introdução sobre o livro da própria autora, *Flores Dispersas*, e analisam-se quatro dos seus poemas, verificando sua relação sentimental e social com as características que trazia em suas poesias para, assim, se poder ter uma maior compreensão de porquê a autora trazia tanta melancolia em seus versos.

Por fim, apresentam-se as “Considerações finais”, retomando-se as ideias principais em todo o trabalho, e em seguida as “Referências” que serviram de base teórica para a elaboração desta pesquisa.

1 MULHER E TRABALHO NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

Este capítulo tem como objetivo trazer alguns pontos significativos, tais como: o papel da mulher na sociedade do século XIX, quais avanços tiveram na história, e sua presença na literatura, para assim, dar-se foco à Júlia da Costa, objetivo desta pesquisa. Dessa forma, far-se-á uma breve trajetória sobre a história da figura da mulher neste período e qual foi seu papel no espaço social, ocasionando mudanças importantes ao longo dos séculos, época em que viveu essa poeta.

1.1 BREVE HISTÓRICO DO PAPEL FEMININO EM RELAÇÃO AO MUNDO DO TRABALHO

Os problemas com desigualdades sociais e culturais entre mulheres e homens têm raízes históricas. Essa desigualdade ampliou-se por conta do mercantilismo e capitalismo e, também, com o sistema patriarcal, que determinou que as mulheres não tivessem direito de qualquer conhecimento que não estivesse ligado ao trabalho doméstico e à educação dos filhos: “[...] a instrução feminina era para que as mulheres educassem seus filhos e que fossem dignas companheiras de seus maridos, interessando-se pelo trabalho de casa e entretendo seu marido no lar” (ABREU, 2015, p. 26). Consequentemente esse poder autoritário e conservador colocou em oposição as tarefas entre mulheres e homens, desigualando-as.

A mulher não tinha liberdade, direitos, muito menos presença no âmbito social. Isso se acentuou quando a vida burguesa passou a reformar os conhecimentos domésticos, dando à mulher apenas o papel de mãe dedicada aos filhos e marido; uma mulher ideal para o casamento. Para D’Incao (2001, p. 229), “[...] ser mulher é ser quase integralmente mãe dedicada e atenciosa, um ideal que só pode ser plenamente atingido dentro da esfera da família ‘burguesa e higienizada’”. Não seguir os padrões impostos pela sociedade da época era um problema, embora tivessem muitas especialidades que não eram reconhecidas, qualquer trabalho que estivesse fora de um espaço pré-estabelecido pelos homens, seria descartado, portanto, a mulher que tentasse usar seu intelecto estaria rompendo com a ordem natural das coisas.

É a partir do século XIX que as mulheres, no Brasil, começam a entrar no espaço do trabalho, pois, ainda de acordo com Abreu (2015), passa-se a necessitar da mão de obra feminina, especificamente da que não tinha posses. É então que elas começam a ver uma oportunidade de emancipação, não precisando mais depender somente do casamento para sua sobrevivência e, com essa possibilidade, conseguiriam garantir a subsistência e de suas famílias. Abreu (2015) acentua que é muito importante que seja propiciada à mulher um espaço mais destacado, principalmente na educação. O que não ocorria até então, pois ela era colocada constantemente em posições desfavoráveis, tornando suas necessidades, como o conhecimento, irrelevantes.

Oferecer informação à mulher significava proporcionar uma expansão do pensamento e, por conseguinte, libertá-la dos grilhões que a mantinham sob o domínio do homem. Por isso, estudar configurava-se como uma superioridade masculina. (MODELSKI; SANTOS, 2015, p. 187).

A educação feminina era muito limitada, pois os homens tinham medo de vê-las progredirem e acabarem se rebelando contra eles. Percebe-se que foi difícil para a mulher conseguir um espaço dentro da esfera social e construir sua identidade de cidadã como o sexo masculino possuía, pois ela era vista como um objeto e não tinha direito de independência. A mulher só terá, por exemplo, acesso à educação em meados do século XX, quando passa então a contribuir decididamente com atividades intelectuais e sociais, possibilitando-lhe, assim, a liberdade de expressão.

Segundo Cerezer (2008), isso se deu pelo fato de o regime republicano estar em vigor na época, o que permitia a educação tanto do sexo masculino quanto do feminino. Essas e outras transformações sociais vão fazer com que a Primeira República volte seu olhar à imagem da figura feminina, que passa a ter mais espaço na sociedade.

No que se refere a essa educação, os primeiros registros de colégios que aceitam mulheres são de 1808. Contudo, essa oportunidade de conhecimento era somente para mulheres de elite, ou então, casadas com homens que as proporcionavam boas condições financeiras, (ABREU, 2015). As moças pobres, ao contrário, trabalhavam com tarefas ligadas ao lazer, a habilidades na cozinha e, quando ficavam adultas, acabavam por auxiliar no crescimento social e econômico do país como mão de obra.

Com o acesso ao conhecimento, as mulheres burguesas, segundo Zinani (2015), passaram a ser alfabetizadas, e lutam por seus direitos iniciando o movimento feminista, que tinha o intuito de buscar a liberdade de se opor à sociedade e igualdade dos gêneros entre mulheres e homens, que de acordo com Modelski e Santos (2015), ocorrem por volta da década de 1960. À medida que passam a alcançar a autonomia e terem o contato com o ensino, elas não aceitam mais a dominação e questionam certos costumes impostos pela sociedade.

Mesmo pequenas, as mudanças começam a acontecer, como um primeiro passo para a independência e valorização da figura feminina:

[...] as mudanças oriundas da Primeira República, ainda que lentas, foram significativas para o desenvolvimento de novos papéis femininos. O modelo criado desde a colônia já não correspondia às exigências da urbanização brasileira, percebendo que não era mais possível manter a mulher no mesmo estado de ignorância e isolamento. (SILVA, s.d. p. 394).

Diante disso, nota-se como a imagem da mulher teve um avanço significativo para a sociedade brasileira, pois “[...] conceitos tradicionais precisaram ser redesenhados e os papéis dos homens e mulheres necessitaram de uma profunda transformação [...]” (MODELSKI e SANTOS, 2015, p. 189). Essas mudanças foram de grande importância para o reconhecimento do importante papel que a mulher desempenhou na sociedade e é sob a visão da Primeira República (15/11/1889 até a Revolução de 1930) que se consegue entender a trajetória da figura feminina e sua conquista atualmente. Entretanto, em meio às várias mulheres submissas, Júlia da Costa veio para mostrar outra imagem de mulher, aquela que não aceita que a sociedade decida sobre suas escolhas.

1.2 A PRESENÇA DA MULHER, COMO ESCRITORA, NA LITERATURA BRASILEIRA

A história da literatura está ligada ao conceito de cânone literário que, de acordo com Zinani (2010, p. 17), “[...] é constituído por uma plêiade de autores e obras, considerada representativa, que se tornou o centro dos estudos literários [...]”, sendo alvo de críticas e discussão sobre questões de classes sociais, gêneros e etnia.

No que se refere à presença da mulher na literatura, é importante destacar que, por muito tempo, ela lutou por um espaço na sociedade em que pudesse ser também uma figura importante na história. Segundo Zinani (2015), além da mulher ter acesso à educação formal, agora pensava em outras maneiras de construir uma vida na qual tivesse êxito, sem se preocupar com a opção do casamento. Com a ajuda do trabalho e da escolarização, ela deixa de ser submissa e surge no meio público, para romper com os padrões que eram exigidos pela sociedade, trazendo consigo a literatura, como um meio de mostrar a sua indignação e descontentamento.

Pode-se dizer que a mulher, que se comportava como um ventríloquo, falando com uma voz que não era a sua, está agora rompendo o silêncio que se manteve por séculos e pode enfim assumir uma voz própria, autônoma e verdadeira [...]. (NAVARRO, 1995, p. 53 *apud* MODELSKI, SANTOS, 2015, p. 188).

Assim, inicia-se a reconstrução de uma história literária, que antes era produzida somente pelo sexo masculino. Conforme cita Santos (2015), para fazer a reconstrução dessa história estabelecida pelo sistema patriarcal, seria preciso romper com a construção do herói masculino nas obras literárias e desconstruir sua origem, o que não seria um trabalho fácil, já que por muito tempo o homem era quem escrevia suas histórias com o papel heróico e essa ideia até a metade do século XIX era a que permanecia.

Ao ter acesso ao mundo da leitura, as mulheres passam a perceber o quanto o sistema patriarcal estava mantendo-as prisioneiras e refletir sobre as questões de divisões de tarefas entre gêneros, dando-se conta do quão injusta era a situação que se encontravam. Portanto, é no fim do século XIX, que surgem os manifestos feministas, trazendo essa discussão de igualdade e é sob a literatura que têm a possibilidade de expor sua voz de indignação, criticando a sociedade opressora.

Havia muitas dificuldades a serem enfrentadas quando as mulheres entraram para o meio literário. Suas obras tinham como intenção escrever sobre sua emancipação. De acordo com Santos e Zinani (2010), essas obras trazem a palavra do sujeito feminino com um viver sem cobranças e regras a serem cumpridas. A literatura feita por mulheres se diferencia, pelo fato de discutirem suas condições na sociedade, permitindo ver o que realmente a figura feminina representa.

Sabe-se da estreita relação entre linguagem e sujeito, e, portanto, quando uma mulher articula um discurso este traz a marca e suas experiências, de sua condição; práticas sociais diferentes geram discursos diferentes. (XAVIER, 1991, p. 11 *apud* MELLO, 2007, p. 50).

Essas escritas discutem a forma como elas eram tratadas, com uma diferença muito significativa comparadas ao sexo masculino. Pode-se entender que essas escritas simbolizam a problematização e o inconformismo, havendo muita crítica política em suas escritas, por conta de discutirem as verdadeiras causas de sua situação. Sander 1989, p. 43, *apud* Abreu, 2010, p. 71 afirma que:

[...] a literatura escrita por mulheres é altamente reveladora justamente por mostrar uma experiência culturalmente mantida na mais profunda escuridão, ao desvendar as semelhanças e a natureza comum da visão do mundo e da trajetória da mulher.

A literatura apresentou, por muito tempo, um discurso baseado na sociedade patriarcal, qual excluía a opinião da voz feminina desse meio. A história literária, conhecida atualmente, originou-se da visão do mundo masculino, pois, como citam Modelski e Santos (2015, p. 179), “[...] escrever em um passado não tão remoto, era uma função que somente os homens tinham o direito de desempenhar”, o que dificultava para a figura feminina que vinha quebrar com esse paradigma, que buscava retratar a realidade em que vivia e suas condições. A partir do momento que começa a ganhar esse espaço, a mulher se manifesta:

Por meio da desconstrução do discurso patriarcal, a voz feminina passa a ser ouvida, possibilitando-lhe revelar sua experiência e expressar uma nova ordem social e simbólica, cujos parâmetros desvelam o universo da mulher, com a intenção de projetar uma estética de caráter feminino, na medida em que esse universo é representado na literatura, e que pode se converter em elemento político influente na transformação dos sistemas de poder existentes. (ZINANI, 2006, p. 17 *apud* MODELSKI; SANTOS, 2015, p. 182).

O poder patriarcal foi um dos motivos para que as mulheres expusessem na literatura, a representação da realidade social que tanto as dominava. Com a ajuda dos manifestos, tinham, por meio da escrita, a oportunidade de escrever suas denúncias e preocupações, acompanhando em suas obras um teor de moralidade. Assim, influenciavam suas leitoras a refletirem e reverem sua situação, inserindo no meio social um novo cenário literário.

São essas transformações da literatura, que as escritoras encontram o poder de transfigurar a sociedade conservadora e alterar o pensamento machista. Criam

nas obras, personagens femininas que trazem uma mensagem reveladora e sugestiva na vida de cada mulher, instigando a busca pela mudança. Personagens assim como elas, que anseiam pela liberdade. É por meio da literatura que se permitiu desvelar a voz feminina que por muito tempo ficou calada.

A voz da mulher começa a se fazer ouvir com freqüência, seja na crônica, romances-folhetins ou textos polêmicos, [...] sempre sob a censura explícita ou sob um olhar complacente do mundo masculino, que via nessa extravagância – o escrever – apenas mais um capricho feminino ou uma ameaça aos bons costumes (COELHO, 2002, p. 7 *apud* TEIXEIRA, 2013, p. 56).

Como discutido, por muito tempo os textos escritos por autores masculinos representaram as mulheres a partir de seu olhar. Segundo Teixeira (2013), a exclusão de autoras femininas no Brasil, assim como no Paraná – espaço em que nasce a autora objeto desta análise-, foi consequência de práticas culturais que favoreceram a voz do sujeito dominante na cultura.

E se falando do Paraná, é importante destacar que o século XIX foi um período em que, na sociedade paranaense, ainda segundo Teixeira (2013), podem-se notar algumas características culturais variadas e distintas que deixaram marcas no comportamento feminino, o qual era cercado de regras.

No final do século XIX, a mulher começa a dar fim ao silêncio de sua voz, onde seu discurso será outro, trazendo a importância da identidade feminina e seu valor, qual antes, eram apresentados na literatura pela percepção do sexo masculino. A possibilidade de novos questionamentos sobre o sistema patriarcal faz com que a busca da identidade da mulher e sua representação, agora, pelo próprio olhar, seja firmada, discutindo, nos textos agora produzidos por elas, toda revolta e despertando o desejo de busca pelas mudanças.

À medida que as mulheres vão se tornando mais independentes e sem medo de serem oprimidas, suas escritas vão sendo reconhecidas por outras autoras e leitoras e é por meio dessa literatura que as mulheres passam a refazer essa história há tanto tempo enraizada. Como afirma Teixeira (2013, p. 61),

A escrita de autoria feminina fortaleceu-se ao longo dos dois séculos, o que se deve, sobretudo, à constante reivindicação por parte da mulher do direito à fala e à diferença. [...]. Sendo assim, o que as escritoras pretendem é criar espaços em que a voz feminina possa ser ouvida com a mesma intensidade que a masculina.

Com isso, pode-se dizer que não se trata de gênero e classe social, porém da competência que ambos apresentam e transferem para suas escritas, é saber não olhar para quem está produzindo, mas sim, para o que está criando e o que isso pode proporcionar para a cultura da sociedade. Essas são algumas das pretensões que a literatura escrita por mulheres visa alcançar: seu sujeito dentro da sociedade, com direito a voz e escolhas próprias.

1.3 UM BREVE OLHAR SOBRE A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NA LITERATURA PARANAENSE

Como já observado, é no fim do século XIX que mulheres, antes apagadas da sociedade, começam a ser ouvidas na literatura. No Paraná, segundo Teixeira (2013), alguns nomes se destacam na literatura desse momento, tais como Mariana Teixeira Coelho (1857-1954) e Júlia da Costa (1844-1911).

Mariana Teixeira Coelho foi a primeira mulher escritora a publicar um livro de análise literária, contos e até poesias, segundo Woellner (2007). Ela escreveu sobre a condição da mulher, defendendo os direitos femininos em uma época ainda marcada pelo preconceito. Nascida em Portugal, porém, naturalizada brasileira em 1939, Mariana tornou-se professora na cidade de Curitiba e, em 1902, fundou o Colégio Santos Dumont (1902-1917), onde trabalhou por quinze anos.

De acordo com Bueno (2010), um de seus primeiro livros é *O Paraná Mental*, editado em 1908. Trata-se de um trabalho crítico sobre literatura, teatro e arte no Paraná. A obra mostra também uma questão comum no período: o movimento de construção de identidade regional e nacional do estado. Sobre esse livro, é importante destacar como a autora retrata as mulheres intelectuais de sua época:

Se uma mulher se destaca um pouco do vulgar, dando à sua inteligência um cultivo mais elevado; se tem o arrojo de iniciar-se nos irresistíveis segredos da Arte, manifestando em qualquer assunto desta – principalmente em literatura – a sua organização artística. Quando aparece em público, é ainda, para a segunda classe a que me refiro, motivo de sorrisos alvarmente inteligentes, de frases saturadas de ridículo. [...] porque há escritores que em tudo admitem o progresso, menos no desenvolvimento intelectual e social do sexo feminino. (COELHO, 1857, p. 93 *apud* WOELLNER, 2007, p. 15).

Mariana critica o machismo, evidenciando como as mulheres eram tratadas com descaso e arrogância. Por mais que tentassem se manifestar, o público não estava preparado para esse tipo de prática, pois as mulheres não eram valorizadas, muito menos pelo seu intelecto.

Mais tarde, Mariana publica a obra *Evolução do Feminismo* (1933), o qual traz, segundo Teixeira (2013), uma coletânea de notícias como dados científicos e pessoas que de alguma maneira puderam ajudar a defender a tese do feminismo, da igualdade intelectual e dos direitos igualitários entre ambos os sexos. Publicou, ainda: *Linguagem* (1937), *Palestras Educativas* (1956), *Discurso* (1902), dentre outros, todos trazendo um grande valor para a literatura paranaense.

A segunda autora a ser destacada, e que é objeto de estudo deste TCC, é Júlia da Costa, poeta romântica. Nascida em Paranaguá, no Paraná, em 1844, aos 10 anos de idade muda-se para São Francisco– SC, onde reside até 1911, quando vem a falecer. Há vários artigos, principalmente em revistas, que falam sobre a vida dessa poetisa, bem como estudos mais aprofundados, tais como o de Rosy Pinheiro Lima, que faz uma biografia a partir de cartas encontradas. O que se sabe de fato, é que a escritora era vista como uma figura feminina destemida e ousada para quem viveu no final do século XIX, período histórico ainda marcado pelo sistema patriarcal.

Júlia publica seu único livro de poesias, *Flores Dispersas*, em 1867, e este foi escrito, segundo Gomes (2014, s.p), “[...] seu pessimismo, seu tormento metafísico, suas angústias românticas, já estão presentes nessas obras”. Segundo Gomes, Júlia traz, em seus versos, a melancolia e o romantismo, e que também revela a saudade de sua cidade natal (Paranaguá), mesmo que não a cite diretamente.

A partir do instante em que a mulher é incluída no mundo literário, escreverem em suas obras suas principais situações no meio social, assim influenciam outras figuras femininas a buscarem melhorias para essa condição desfavorável. Suas produções trouxeram a oportunidade de reverem sua posição na sociedade e o reconhecimento de seus direitos, passando a decidirem seu próprio futuro. Assim como, Júlia da Costa, uma mulher considerada audaciosa por tomar decisões inaceitáveis para a época que estava inserida.

Com sua vida turbulenta e curiosa, justamente por preferir a literatura ao invés do casamento, o que não era muito comum na época, fez com que muitos escritores se interessassem por sua história, dentre os quais Roberto Gomes e

Carlos da Costa Pereira, alguns dos que buscaram retratar a vida dessa ousada poeta.

2 JÚLIA DA COSTA – UM OLHAR SOBRE SUA VIDA

Júlia Maria da Costa nasceu em Paranaguá – PR, em julho de 1844, filha de Alexandre José da Costa e Maria Machado da Costa. Pela decisão de sua mãe, muda-se para São Francisco do Sul – SC. Foi uma das primeiras vozes femininas do Paraná a publicar um livro, *Flores Dispersas*, o qual, segundo Gomes (2014, s.p), é caracterizado “[...] pela melancolia e pelo romantismo, pois escreve sobre a saudade de sua cidade natal e seu passado”.

Júlia se casa aos 26 anos por influência de sua mãe, e acaba tendo, então, um relacionamento que não era desejado por ela com Francisco (Comendador). No entanto, nunca deixou de amar e escrever cartas para Benjamim Carvoliva, com quem namorou quando ainda era adolescente como cita Gomes (2014).

Por ser considerada audaciosa e corajosa em suas escolhas, além de ter vivido uma vida intensa e cheia de curiosidades, muitos escritores se interessaram pela história dessa autora e alguns resolveram escrever sobre a vida dela, resgatando sua história da literatura e seus poemas. Por muitos anos, foi uma das poucas ou quase uma das únicas mulheres a escrever e publicar trabalhos que contribuíram para a cultura paranaense entre o século XIX e XX e, agora, seria o momento de resgatar e exibir essa voz feminina que foi de grande valor para a literatura brasileira. Dessa forma, alguns historiadores e escritores fizeram um estudo com máximo de profundidade possível sobre sua vida para dar o devido reconhecimento ao seu trabalho.

A vida de Júlia da Costa foi cheia de mistérios e interrogações, muito pouco se sabe sobre quem ela realmente foi ou até mesmo qual era sua fisionomia. Rosy Pinheiro Lima, uma das primeiras a escrever sobre ela, em carta datada de 14 de abril de 1952, ao historiador Carlos da Costa Pereira (1982, p. 3), assim se refere a ela:

Interessante é notar a imprecisão existente sobre a sua vida. Basta dizer, que de tudo que se tem escrito sobre ela – cronologicamente a primeira poetisa paranaense – nada há de exato. Há dúvidas até se era loura ou morena [...], dela não existindo nem ao menos um retrato. Se deixou Paranaguá solteira ou casada. Se foi feliz no casamento ou infelicíssima – teoria esposada pela maioria dos seus biógrafos. [...] Tudo o que dela se afirma é impreciso. De modo que se nos afigurou interessante empreender novas pesquisas para restabelecer a verdade.

Com a ajuda das cartas escritas por Júlia da Costa, tem-se a chance de esclarecer dúvidas sobre a sua história. Essas cartas vieram a público por meio de Rosy de Macedo Pinheiro Lima, que escreveu o livro *A vida de Júlia da Costa*. Nascida em Paris, no ano de 1914, Rosy finaliza seus estudos de Direito na capital paranaense, participando, em 1933, da fundação do Centro Paranaense Feminino de Cultura, da qual se torna presidente. Foi advogada, poeta e passou a se dedicar ao jornalismo quando publicou *A Vida de Júlia da Costa e Poeira do Sol* (1953), dentre outros trabalhos.

Além de Rosy, outros autores retrataram sobre a vida de Júlia, tais como a) Carlos da Costa Pereira, que escreve uma biografia, em 1982, com a ajuda das cartas encontradas por Rosy; e b) Roberto Gomes, que relata a vida da poetisa de uma maneira mais fascinante, publicando o romance *Júlia* em 2008.

A partir das próximas seções, far-se-á uma pequena análise dessas histórias sobre a autora, destacando-se o que alguns desses livros escritos, sobre ela, contribuíram para o conhecimento de sua vida e obra.

2.1 TRAÇOS DA VIDA DA POETISA JÚLIA DA COSTA – POR CARLOS DA COSTA PEREIRA: UM OLHAR BIOGRÁFICO

Carlos da Costa Pereira era sobrinho neto do Comendador Francisco, casado com Júlia da Costa. Nasceu em São Francisco do Sul, em 1890, e foi um jornalista e historiador brasileiro. Publicou obras como: *História de São Francisco do Sul* (1984) e *Traços da Vida da Poetisa Júlia da Costa* (1982), ambos publicados postumamente, dentre outros. Este último foi escrito em resposta à carta da Dra. Rosy Pinheiro Lima, que esclarece detalhes da sua vida, trazendo para o que até o momento eram apenas especulações ou incertezas e revelações.

Pereira divide seu livro em duas partes, sendo que a primeira trata da história da autora com o seu marido, o Comendador Francisco da Costa Pereira, e a segunda que traz vários poemas e crônicas que a própria Júlia escreveu. Essa obra é repleta de informações valiosas sobre quem foi a autora e, por isso, esse olhar mais demorado feito pelo historiador esclarece alguns fatos importantes, sendo considerado de grande ajuda para a história da vida da poetisa.

Segundo Pereira (1982), Francisco da Costa Pereira ou simplesmente, Comendador, nasceu em Portugal no ano de 1815, e era filho de Antônio da Costa Pereira e Rosa Maria da Encarnação. Mudou-se para São Francisco – SC no ano de 1842, mas já morava no Brasil. Logo que chega a São Francisco, casa-se com uma viúva que tinha recebido como herança a empresa e fazendas do marido. Quando essa também falece, após apenas sete anos de casamento, em 1850, Francisco assume todos os seus negócios.

Em 28 de outubro de 1871, casou-se com Júlia Maria da Costa, nascida e batizada na cidade de Paranaguá. De acordo com Pereira (1982), Francisco foi comandante da Guarda Nacional e chefe do Partido Conservador, e, no ano de 1875, recebeu o cargo de Comendador da Ordem da Rosa, em virtude dos bons serviços prestados à Comissão de Recenseamento. Além disso, foi agente da Companhia Nacional de Navegação a Vapor.

Francisco foi presidente honorário do Partido Conservador e era muito admirado pelo público, que reconhecia seu trabalho. Pereira (1982, p. 7), cita que: “[...] todo o município reconhece o prestígio político do Comendador Carlos da Costa Pereira”. Porém, em 1889, quando Luís Antônio Ferreira Gualberto assume a presidência com o novo poder republicano, Francisco se afasta definitivamente da política. E, em dezembro de 1892, falece, deixando Júlia como herdeira de seus bens. Após sua morte, Luís Gualberto, do partido republicano e Sebastião Alves, do partido federalista, transmitem ao *Jornal do Comércio*, seus sentimentos, citando belas e confortáveis palavras a todos da cidade:

Por telegrama que foi dirigido de São Francisco a um companheiro nosso pelo digno e honrado cidadão Sebastião Alvez Camacho, soubemos da infausta notícia do falecimento do popular e venerado ancião, Comendador Costa Pereira, fato esse que vem enlutar dolorosamente o município de São Francisco, que acaba de perder um de seus mais leais e fervorosos servidores. (GUALBERTO e ALVES *apud* PEREIRA, 1982, p. 15).

Percebe-se, por essas linhas, que Francisco da Costa era visto como um homem bom e muito reconhecido pelo seu trabalho na cidade de São Francisco, sendo um homem respeitado e admirado pelo público. Contudo, após sua morte, sua figura foi transformada. Muitos escritores do Paraná escreveram sobre ele de uma maneira maldosa, tornando-o um homem ruim, que dizem ter humilhado e até mantido em cárcere privado sua esposa. Essa ideia se criou pelo fato de a poetisa

trazer sempre a melancolia e solidão em suas poesias, como notadas nas produções de *Flores Dispersas* (1867).

Porém, Pereira (1982) acredita que esses poemas foram escritos anos antes de ter conhecido Francisco, em 1866, o que provaria que o casamento não foi o motivo para essas aflições, pois Júlia mudou-se para São Francisco logo após o falecimento de seu pai, no ano de 1849. Além disso, pode-se observar em um poema que escreveu, nomeado “A Órfã”, que lamenta ter deixado sua cidade ainda pequena, o que também constataria a informação:

[...] Eu fugi logo (que fado cruento!)
De meu lar tão criança banida! [...]
E às fimbrias do lindo horizonte
Do meu Norte, quem dera eu voar,
[...] Para ver minha linda casinha,
Que, pequena, deixei a chorar, Testemunha dos brincos da infância
Que jamais haverei de gozar (PEREIRA, 1982, p. 17).

Percebe-se, nas palavras que Júlia usa em seus versos, que deixou sua casa ainda criança, e não somente aos 26 anos de idade como citado em algumas biografias. Para confirmação dessa informação, “[...] na idade de dez anos (Júlia da Costa) órfã de pai, passou a residir com seu tio, o tabelião João José Machado da Costa, na cidade de São Francisco, da Província de Santa Catarina” (BLAKE, 1899 *apud* PEREIRA 1982, p.18).

Pereira (1982) afirma ainda que o casal não vivia um casamento triste como falavam, pois realizavam muitos bailes e serões familiares na casa que moravam, e sua casa sempre era frequentada por pessoas importantes que até mesmo se hospedavam ali, como o Presidente da Província Dr. João Tomé da Silva, o qual permaneceu dois dias em sua casa. Com isso, nota-se que ambos foram felizes nessa casa, pois sentiam felizes e confortáveis ao reunir pessoas em seu lar. Júlia, muitas vezes, descrevia essas festas feitas em sua residência em folhetins para a *Gazeta de Joinville*. Um exemplo é do baile realizado no dia 9 de setembro de 1882, quando publica:

[...] A noite de nove de setembro será lembrada pela mocidade franciscana, como uma noite mágica povoada de fúlgidas quimeras. – É sobre a impressão do esplêndido baile dado nessa noite pelo “Clube de Regatas”, que escrevo esta página sem arte, à qual dou o nome de folhetim. – Bordejando um pouco pelo mar azul das minhas fantasias, vou descrever de leve as magníficas *toilettes* com quem primaram as moças nessa noite

esplêndida, onde cada sorriso era um idílio e cada olhar uma harmonia. [...] (PEREIRA, 1982, p. 32).

Parece que Júlia sentia-se confortável e que viviam em harmonia com o marido. Alguns autores dizem que ela se casou com Francisco por imposição familiar, Pereira (1982, p. 40), no entanto, afirma que “[...] imposto não é de acreditar, uma vez que a poetisa já não era criança [...]”, e declara que Júlia estava cansada de sofrer por Carvoliva, namorado da adolescência com quem trocou cartas de amor. Além disso, segundo Gomes (2008), o Comendador não era tão velho, e aparentava ser um homem elegante, bem vestido e com condições financeiras favoráveis.

Júlia e Francisco foram casados por 21 anos e viveram todo esse tempo sob o mesmo teto. Se a vida do casal foi de infelicidade, ninguém sabe ao certo, pois não deixavam transparecer em público, assim como registra em uma carta a afilhada da poetisa:

Nunca me constou que houvesse entre o Comendador e D. Júlia a menor desavença; todos os domingos e dias de festa iam à igreja assistir à missa. Ela pela manhã e à tarde, tocava piano. Passeavam juntos e faziam visitas amistosas e de cortesia. As criadas que sempre iam comprar no negócio de meu pai, conversavam muito, contavam muita coisa, porém nunca com referência a aborrecimentos entre o casal; pelo contrário, só faziam elogios a ambos. (PEREIRA, 1982, p. 60).

No entanto, é importante observar que, segundo Pereira (1982), Júlia trocava cartas com Benjamim Carvoliva, e Francisco se encontrava com suas duas amantes: Miquelina de tal e Marica Martins, a Martinha.

Após a morte do Comendador, Júlia não saiu mais de sua residência. Ficou completamente afastada de tudo, tornando-se muito solitária e, com isso, perdeu o gosto pela vida. Ela aparecia algumas vezes, à noite, na sacada, mas não ficava por muito tempo.

[...] após a morte do marido foi que ela se retraiu, pouco aparecendo à sacada e pouco saindo de casa, até que, nessa solidão, sem o companheiro e sem a mãe que falecera alguns meses depois de Costa Pereira, e sem ter conseguido casar novamente, - o seu espírito imergiu nas trevas da loucura. Fazia oito anos que enviuvara. Vivera ainda cerca de onze anos, vindo a falecer a 12 de julho de 1911. (PEREIRA, 1982, p. 67).

Antes de perder a lucidez, dedicou sua vida toda somente à literatura. Não era uma mulher preocupada com os afazeres domésticos. Interessava-se em tocar

piano, ler e escrever suas belas prosas e poemas. Uma de suas afilhadas diz que Júlia aparentava ser uma princesa, vestindo-se geralmente de branco e azul com detalhes de flores no cabelo. É estranho nem sequer haver uma fotografia de Júlia da Costa, mas há indícios de que não seria uma mulher bonita. Em algumas cartas enviadas pela poetisa para Benjamim Carvalho, há um trecho em que fala: “Não te mando o meu retrato; sei que vaes me achar feia, muito feia”. (COSTA *apud* PEREIRA, 1982, p. 53). Antônio Lopes Serrão, que conheceu Júlia pessoalmente, declara que ela “[...] era clara e tinha cabelos pretos, trajava-se muito bem, pintava-se e perfumava-se com os melhores extratos; só era bastante feia”. (COSTA *apud* PEREIRA, 1982, p. 54).

Contudo, sua aparência é o que menos interessa, pois foi uma mulher de um talento incrível. Com a ajuda de sua mãe, Maria, que sempre lhe deu uma boa educação, tornou-se uma poetisa reconhecida na cidade de São Francisco e quando publica *Flores Dispersas* recebe as primeiras palavras de elogios, que contribuem muito para sua profissão. Observa-se, como exemplo, o texto do jornalista e poeta Elisiário Quintanilha, ao jornal *Desterro*, em 1867, publicado na coluna *Despertador*, em que menciona a obra publicada por Júlia e reconhece seu trabalho:

Da alma de uma menina moça as primeiras flores que se dispersam, se nos vêm dizer que há lá, por entre os folguedos de uma vida toda inocente, lá no coração, um jardim de outras flores cujo perfume embriaga os sentidos, que estes se não desprendam porque são recônditos segredos da moça-poeta [...] D. Júlia da Costa estreou-se bem! Recebe as ovações dos que prezam a inteligência, admiram o talento e animam os aspiradores de esplêndido futuro. (QUINTANILHA, 1867, p. 3 *apud* PEREIRA, 1982, p. 19).

O jornalista compara os poemas escritos por Júlia com o de poetas grandiosos da época, dizendo que neles havia muitas características semelhantes, como a melancolia, o que a fazia parecer uma melodia ao ser lida. Refere-se ainda, a Júlia como uma menina de coração puro e sincero, e que isso transparecia em suas poesias quando escritas, além de afirmar que era uma mulher muito inteligente.

Pelas escritas de Pereira (1982), pode-se inferir que mesmo Júlia da Costa sendo tão subjugada como foi, teve muita coragem para buscar o que tanto desejava. Tanto as palavras negativas quanto os elogios lhe serviram ainda mais para mostrar seu grande potencial e revelar a grande poetisa que era, sendo reconhecida, mesmo que há não muito tempo, na história de literatura de mulheres no Brasil.

2.2 JÚLIA - POR ROBERTO GOMES: UM OLHAR ROMANCEADO

Roberto Gomes é um escritor brasileiro nascido no ano de 1944 em Blumenau, porém reside desde 1964 em Curitiba – PR. Publicou dois livros de contos, *Sabrina de Trotoar e de Tacape* (1981) e *Exercício de Solidão* (1998), além de mais quatro livros dirigidos para o público infantojuvenil, dentre outros. Em 2008, publicou o romance *Júlia*, uma obra que relata a vida da poetisa misturando biografia e ficção.

Em uma entrevista dada Gomes (2012, s.p) conta o que o motivou escrever sobre a vida de Júlia da Costa:

[...] Apesar de Júlia não possuir um tipo físico bonito. Era extremamente inteligente, e fazia coisas que uma mulher jamais faria naquela época [...] Discutia com os homens de igual para igual. Publicava, nos jornais, textos sobre a Guerra do Paraguai, a questão da república e da monarquia, a liberdade de imprensa, a escravidão. Era uma mulher atuante e corajosa que, no entanto, sofreu exatamente por isso. Júlia sempre dizia que a inteligência é um dos fardos mais pesados para uma mulher. E era perseguida justamente por seu brilho, sua inteligência, sua coragem. Me senti fascinado por ela, e pesquisei mais uns quatro, cinco anos, para escrever esse romance.

Observa-se que Gomes admirava muito a poetisa, contudo, levou anos estudando sua história para então a relatar de maneira mais realista, e é por esse motivo que busca também trazer o nome de Júlia para a literatura, recuperando-a, já que teve forte influência para outras figuras femininas, posteriormente.

A vida de Júlia no romance de Gomes é um retrato da sua época, quando havia regras a serem cumpridas. O livro mostra, em vários momentos, a presença da figura da mulher e seu comportamento diante da sociedade. Sabe-se que ela sempre foi apaixonada por Benjamim Carvoliva, um rapaz que tocava violão, imagem de homem malvisto para a época. Falava-se conseqüentemente, muito mal das mulheres que tivessem um contato íntimo com essas pessoas.

Júlia, no entanto, não se importava com a opinião alheia, e sempre que possível se encontrava com Benjamim, mas sua mãe nunca a apoiou, pois prezava muito a família. Em um trecho extraído do livro, percebe-se a preocupação dessa quando Júlia vê e decide cumprimentar Benjamim:

- Ai, meu deus, eu não sei onde tu queres chegar! Cumprimentar um desconhecido! E um desconhecido com um violão! – Que mal há num violão? – Ora, minha filha, isso é coisa que se pergunte? – Pois eu pergunto: que mal há num violão? – Não é um instrumento de gente séria, Júlia, tu sabes disso. Coisa de arruaceiros, de gente de segunda. (GOMES, 2008, p. 36).

Nota-se que a mãe se preocupava com a imagem da filha na sociedade. Para a época, um homem violeiro, músico, viajante, era considerado má influência para as mulheres, não sendo adequado para se casar. Há muitos trechos em que a mãe não se conforma com a situação da filha estar apaixonada pelo menino Benjamim, pois sabe que mais tarde a cidade poderia vir a comentar e isso se tornaria vergonhoso: “Benjamim, afinal, além de pobre, era um espírito inquieto, boêmio, que vivia mudando de uma cidade para outra [...]” (GOMES, 2008, p. 75). Com isso, nota-se que Júlia não tinha o apoio que esperava ter, tanto da própria mãe, quanto do meio social que vivia.

A poetisa passava horas com os livros. Sua mãe, Maria, que a incentivava a essas práticas, com o passar do tempo e vendo que Júlia já estava na idade de casar-se (tinha 25 anos), começou a ficar preocupada:

Dona Maria se preocupava com a filha. Desde que perdera o marido, não passava dia sem que imaginasse o que seria dela, que destino teria, quem cuidaria de seu futuro. Tentava fugir destes pensamentos sombrios. [...]. Uma moça de 25 anos já deveria estar casada, precisava de um marido, de filhos, assumir obrigações, levar a vida a sério e ser considerada uma mulher de respeito. (GOMES, 2008, p. 27).

Dona Maria não conseguia entender como a filha ainda não tinha essa mesma preocupação, nem sequer sabia cozinhar, ao contrário, era desastrada, dedicava-se somente aos estudos, e passava horas discutindo coisas complicadas. Em uma discussão com um professor que admirava muito a moça, disse-lhe: “- Talento não enche barriga, o professor me perdoe”. Júlia, por sua vez, cansada das pessoas terem as mesmas ideias de sempre, às vezes, se sentia muito só, como se não fizesse parte desse mundo onde pessoas repetiam as mesmas coisas todos os dias. A única pessoa que entendia seus pensamentos era seu professor: “Só o professor Antero parecia ter olhos atentos ao mundo, só ele era capaz de ler nos versos que escrevia algo mais do que uma esquisitice maluca”. (GOMES, 2008, p. 33).

Júlia gostava muito de escrever, ler, sonhar. E teve uma infância feliz, valorizando os mínimos detalhes que a vida poderia lhe oferecer:

Gostava também de suas amigas, das brincadeiras, de rir muito e sair correndo pelo pátio. Gostava de Maria Clara, a melhor amiga, gostava também de Lúcia, a encarregada da horta, de irmã Célia, que cuidava da portaria, de seu Nicolau, que era jardineiro e tocava acordeão nas festas. Era deste pequeno mundo que Júlia gostava. (GOMES, 2008, p. 41).

Percebe-se que, mesmo não se sentindo incluída no meio que vivia, por escrever e discutir assuntos que muitos não estavam acostumados a ouvir, era uma menina feliz, comum, como todas outras. Às vezes, se distraía com pouco, “Gostava de parar, no caminho do colégio, para observar formigas. [...] gostava dos desenhos que os caminhos das formigas rabiscavam no chão [...]”. (GOMES, 2008, p. 41).

Já adulta, tem outros ideais, “Pensa nos poemas que escreverá, sonha vê-los em livro, encanta-se com a chegada do jornal com seus poemas publicados”. (GOMES, 2008, p. 44). Tinha consciência que já não era mais criança. Aos 26 anos, além de ser mais madura, via a vida de outra maneira, lembrava-se de sua infância, mas ao mesmo tempo sonhava com o futuro. Além disso, imaginava encontrar um homem por quem se apaixonaria, e quando sua mãe tentava encontrar alguém para que ela pudesse se casar, dizia que era feliz daquele jeito e recusava a ideia de um casamento arranjado.

Muitas vezes preferia ficar quieta em seu quarto, escrevendo e pensando na vida, por isso sua mãe a achava triste, ausente, muito pensativa. Havia em Júlia, alguma marca, algum vazio, algo que ainda a incomodava, talvez algo que nem ela própria soubesse. Para Gomes (2008), poderia ser a saudade que a fizesse ficar tão distante do mundo: saudade da sua infância, da sua cidade, de Benjamin, ou talvez fossem todas as coisas acumuladas, e eram esses momentos de solidão que Júlia escrevia em seus poemas.

No meio de todas essas histórias, havia um homem que estava interessado em Júlia, o Comendador Francisco da Costa Pereira, viúvo, rico e solitário. [...] “um homem do qual não se esperava grandes paixões – admitiu ser natural a ansiedade que o assaltava: estava se aproximando de uma menina, pobre, muito graciosa e que tinha apenas 26 anos”. (GOMES, 2008, p. 51). Francisco teria visto Júlia na praça da matriz pela primeira vez. Tomou, então, a iniciativa de ir à casa de Maria para propor casamento Júlia. Ele se sentia muito só para uma casa tão grande como

tinha e, mesmo rodeado de empregados, precisava de uma companheira para compartilhar sua vida e seus bens:

Tinha compromissos demasiados. Miquelina, que ele instalara a dois quarteirões do casarão, uma negra cuja cama freqüentava nos fins de noite, quando suas tarefas serenavam, lhe dava o prazer da carne, mas não diminuía a necessidade de partilhar sua vida e seus bens com alguém que viesse a ser sua mulher, alguém que ao contrário da amante negra, ele pudesse apresentar como esposa. (GOMES, 2008, p. 53).

Assim, escolheu uma mulher jovem, com menos da metade de sua idade, branca, saudável e elegante, com posição social favorável para casar. Com esses pensamentos, vai até a casa de Júlia para pedir sua mão em casamento. Nesse mesmo tempo, Júlia acabava de receber de seu professor a notícia de que seu livro *Flores Dispersas* fora finalmente publicado, o momento mais feliz de sua vida. Contudo, deveria dar uma resposta ao Comendador e, em um primeiro momento, recusou, dizendo que estava ocupada demais com os estudos. Ele, no entanto, não desistiu, pois gostava muito da moça. Em uma conversa com Maria, percebe-se a persistência de Francisco e o apoio da mãe com esse casamento:

- Devo desistir? Perguntou.
 - Não, não! Coisas da juventude, Comendador. Amanhã ou depois é capaz de refletir e decidir pelo casamento. [...]
 - A senhora continuará me apoiando?
 [...]
 - É o que eu mais quero. Não imagina como ficaria feliz caso Júlia casasse com um homem como o senhor.
 - Agradeço muito. (GOMES, 2008, p. 86).

A mãe de Júlia desejava muito que sua filha se casasse com o Comendador:

O senhor está diante de uma mãe preocupadíssima. Como sabe, Júlia é órfã, nossa vida é modesta e ela tem vinte e seis anos. Para uma mulher, já é tarde. Que futuro poderá ter se continuar solteira? Como irá garantir tempo e condições de continuar escrevendo, estudando piano? O senhor me entende? (GOMES, 2008, p. 117).

Nesse excerto, pode-se notar o esforço e vontade de Francisco em se casar com Júlia e a preocupação da mãe pela idade que a filha tinha. A aceitação de Maria era nítida. Porém, Júlia não queria, gostava de ser independente. Ficava pensando como era viver com um homem do qual não gostava, sendo ainda mais velho. Era difícil tomar tal decisão. Foram muitas discussões com a mãe sobre o assunto. Maria insistia e a filha sempre fugia do assunto ou ignorava a mãe.

Maria não entendia a hesitação da filha, não aceitava que arriscasse a segurança de um casamento, desejado por todas as moças solteiras de São Francisco, com um homem correto e de posses, em favor de uma aventura com um violeiro – é assim que passara a chamar Benjamim – um tipo que não tinha onde cair morto. (GOMES, 2008, p. 122).

Júlia não estava disposta a aceitar o pedido por vários motivos, entre eles, sua paixão por Benjamim. Ela pensava em se casar com alguém por quem se apaixonasse e por vontade própria, não por vontade de outra pessoa. No entanto, com tanta insistência e com a relação com Carvoliva não indo bem (soube que ele ficava noivo), sentiu-se cansada de esperar por alguém que talvez não pudesse mais ter e, por fim, mandou reunir toda a família na sala e deu a notícia que todos esperavam. Aceitaria o pedido de casamento de Francisco da Costa Pereira.

Segundo Gomes (2008), após o casamento, aparentemente foram felizes. Faziam festas no casarão. Júlia promovia reuniões e até escrevia em colunas de jornais os acontecimentos da cidade. O povo falava muito bem do casal, eram conhecidos como “– ele, um homem rico, ela, uma poetisa respeitada,” (GOMES, 2008, p. 149). Contudo, quando estavam a sós, cada um estava em um canto fazendo suas funções, ficavam isolados dentro da mesma casa. Talvez não fossem como um verdadeiro casal, mas mostravam respeito um com outro, ou até mesmo sabiam o que o outro fazia, contudo, não comentavam sobre o assunto.

Segundo Gomes (2008), mesmo após seu casamento com o Comendador, Júlia trocou algumas cartas com Benjamim, também casado, e o Comendador também, em algumas madrugadas, se encontrava com Miquelina, uma de suas escravas e que também era sua amante. Ao certo, não se sabe se ambos gostavam um do outro, ou estavam apenas acomodados ao mundo dos negócios: “Aquele casamento fora um erro: Viveram sempre no limite de uma farsa, ele envolvido com seus negócios e com a política, ela com suas festas e seus poemas” (GOMES, 2008, p. 263).

Apesar disso, estavam habituados a viverem juntos e, após a morte de Francisco, Júlia viveu isolada. Algumas vezes, quando acordava disposta, dava ordens, saía com a empregada Tereza, e passava oras lendo. Em outras, não saía de seu quarto nem ao menos para comer, passando o dia na cama. Júlia acabou enlouquecendo. Após a morte do Comendador, viveu oito anos trancada e solitária, só com a presença da empregada Tereza.

Após sua morte, puderam finalmente abrir a porta do andar de cima, no quarto onde Júlia ficava, perceberam os danos que o tempo deixara. Entre poeiras, nas paredes, rabiscos e colagens de jornais, desenhos, papéis recortados, talvez fossem partes de cartas, entre outras coisas indecifráveis:

Os rabiscos não seguiam qualquer alinhamento. Começavam no alto da parede e mergulhavam em ziguezague até atingir o rodapé, contra o qual subiam e desciam, como se insistissem em entrar assoalho adentro. (GOMES, 2008, p. 315).

Ao certo não se sabe dizer se Júlia foi de fato feliz com seu casamento. Talvez tenha aceitado o pedido de Francisco por estar cansada das frustrações da vida. O certo é que nos últimos anos viveu infeliz e atordoada com a solidão, porém não deixando de escrever seus poemas, nem de assumir responsabilidades no casarão, cuidando de reuniões e publicando seus artigos em jornais de Joinville. Foi uma mulher intelectual e de atitude que, mesmo recebendo críticas, não deixou que isso afetasse sua vida como poeta, como a mesma alega: “[...] inteligência é, de todos, o fardo mais pesado para uma mulher” (GOMES, 2008, p. 195).

Júlia deixou marcada na literatura parte de sua história, o que proporcionou muito para a compreensão do papel da mulher na sociedade do final do século XIX, início do XX. Mostrou que, mesmo com dificuldades, foi possível transformar esse estereótipo de mulher submissa e ir além, trazendo a imagem de uma mulher com atitude e muito capaz, assim como qualquer outro. Tornou-se uma das primeiras a ousar mudar essa crítica que ainda se têm de que mulher é frágil e desqualificada para qualquer tipo de trabalho fora de casa.

3 JÚLIA E SEUS POEMAS: UMA ANÁLISE

O objetivo deste capítulo é analisar alguns dos poemas de Júlia da Costa, evidenciando alguns aspectos que aproximam seus versos da sua vida, em relação a relacionamentos sociais e sentimentais como sua infância, casamento, morte, entre outros, responsáveis, em grande parte, pela característica melancólica que ela trazia em suas poesias. A escolha do primeiro poema “A um jasmim”, justifica-se pelo fato de Gomes citá-lo em seu livro *Júlia* (2008), e os próximos: “Minha terra”, “Queixas” e “Súplica” serem de gosto próprio. Os quatro poemas aqui escolhidos para análise, são representativos das características românticas da autora e tem relação com a sua própria vida.

Pelo período em que viveu e pelas características de seus versos, Júlia da Costa faz parte do Romantismo Brasileiro (1836-1881), que teve três fases, ou gerações como são comumente conhecidas: 1) a Indianista ou Nacionalista; 2) a Ultrarromântica e 3) Condoreira. Pode-se, pela análise dos poemas, afirmar que Júlia acaba recebendo um pouco de cada uma dessas gerações, mas mais especificamente as da segunda, pois seus versos carregam uma grande carga de subjetividade, de tédio, sofrimento, fuga da realidade, melancolia e pessimismo. Segundo Muzart (2001, p. 22, grifos da autora):

Os temas da poesia de Júlia da Costa são sempre os de ausência e da perda, da dor de viver, da angústia ou do desejo da morte, da falta de esperança e da solidão como se lê no poema “Página solta”: “Queres saber quem eu sou? Meu nome queres saber?/Eu sou a sombra dourada, de um tempo que já lá foi,/Sou o fantasma de um sonho/Que em tua mente pousou; Sou uma folha sem nome/Que o vento forte mirrou...”

Os poemas que serão comentados fazem parte do livro *Poesia – Júlia da Costa*, organizado por Zahidé Lupinacci Muzart e publicado pela Imprensa Oficial do Paraná, em 2001. Neste livro, segundo a nota editorial (COSTA, 2001, p. 11), reuniu-se “[...] toda a obra conhecida da poetisa Júlia da Costa: os dois livros editados em vida, *Flores dispersas*, 1ª Série, 1867, *Flores Dispersas*, 2ª Série, 1868, e os poemas esparsos, recolhidos mais tarde por pesquisadores”. O livro tem 414 páginas e conta com uma nota introdutória da professora Zahidé Lupinacci Muzart, um texto que já havia sido publicado por ela no livro “Escritoras brasileiras do século XIX”, no ano de 1999. Além dos poemas de Júlia, o livro traz alguns outros textos, tais como cartas da autora, publicados no livro da pesquisadora paranaense Dra.

Rosy Pinheiro Lima, e alguns artigos que foram publicados em jornais da época em que Júlia da Costa publicou seus poemas.

3.1 A UM JASMIM

Este poema contém nove estrofes, de quatro versos cada, todos heptassílabos, ou redondilha maior (sete sílabas) – são versos mais utilizados pela cultura popular – está nas páginas 39 e 40 do livro analisado e faz parte, originalmente, do livro *Flores Dispersas* 1ª Série, de 1867. As rimas presentes são cruzadas:

Branco jasmim és tão lindo
Entre aromas a sorrir,
Qual doce estrela formosa
Do céu no prado a fulgir!

Tão lindo que me fascinas
A mim, a isenta, e vaidosa!
Tão belo que m'eletrizas
Com tua folha odorosa!

Tu és, poético e meigo
Como um trovar namorado!
Ou prelúdios alta noite
D'um cantor apaixonado!

Tu és romântico e puro
Como um amor inocente
Dos anjos castos do Empíreo
Medroso e não veemente!

Tu és ó brando jasmim,
A flor do meu cogitar!
Nascida, amada e afagada
Nas tardes do meu sonhar!

Flor dos anjos, descorada
Inebriada de amor!
Vem pousar sobre meu seio,
Virgem inda em seu ardor!

Vem, jasmim alvinitente,
Quero alentar teu viver!
Deixa as outras flores meigas
Vem meus tristes versos ver!

Apaga as lâmpadas puras
Do teu folgar na campina!
E deixa somente a estrela

Que te sorri, matutina!

Deixa as auras, brandas liras
 Que te inebriam de amor!
 Que eu tenho cantos p'ra dar-te
 Sublimes, só de candor! (COSTA, 2001, p. 39-40)

Nesse poema, notam-se as características da primeira geração do romantismo.

- Sentimentalismo e melancolia: Pois a poetisa traz seu sentimento, suas emoções ao falar do jasmim, trazendo também a valorização da natureza, citando-a de uma maneira bela e encantadora. Quando Júlia se apaixonada por Benjamim, seus versos começam trazer uma característica melancólica e suave. “E assim, seguiu, falando de como o jasmim era poético e meigo, feito um trovador romântico e puro. Os versos saíam fáceis, dizendo que pressentia aquele jasmim em seus pensamentos [...]” (GOMES 2008, p. 37).

- Exaltação da natureza: Pois, ao falar de uma forma do eu lírico, características das poetas dessa fase, descreve nos versos as estrelas, o céu, as flores e o jasmim, especificamente, de uma forma delicada, que a fascina.

- Idealização do amor: Percebe-se, que essa é a fase em que Júlia idealiza o amor, pois estaria apaixonada e encantada por Benjamim Carvoliva. Idealizava-o como o homem de sua vida, alguém para passar o resto de sua vida, como (GOMES, 2008, p. 47) declara:

Os interessados não eram muitos e ela não se importava. Tinha o pressentimento de que, no momento certo, apareceria o homem por quem se apaixonaria. O homem certo. [...]. Enquanto isso, seguia sua vida e não se importava com os comentários de que precisava de um homem para colocar em ordem em sua vida, o que parecia ser o destino de todas as mulheres.

Júlia não se sentia pressionada pela sociedade em achar alguém para casar-se, e Benjamim era essa pessoa que idealizou a vida toda. É evidente que ela estava disposta a se relacionar com este rapaz e convencida de ter encontrado o homem certo para sua vida.

Sabe-se que Maria não apoiava seu contato com o violeiro, dizia que não era um sujeito de respeito. Júlia, em uma discussão com a mãe, pensou brevemente em dizer: “[...] a música é sempre música, não importando se parte de um violão ou de um piano, tocado por homem ou mulher [...]” (GOMES, 2008, p. 37), mas acabou desistindo pois perderia tempo sabendo que sua mãe jamais a compreenderia.

Assim, pode-se observar como Júlia sempre teve sua ideologia de igualdade entre mulheres e homens, um pensamento diferente da maioria das outras de sua época.

Percebe-se nos versos da sexta estrofe, “Inebriada de amor!/ Vem pousar sobre meu seio, / Virgem inda em seu ardor!” (p. 39), que Júlia estava determinada a se entregar somente para Benjamim e a lutar por esse sentimento e esperava que fosse correspondida, com isso demonstrava em seus versos o desejo de viver ao lado do amado, citando como esse jasmim era puro e de um amor inocente.

Há uma referência indireta ao rapaz, pois a poetisa remete a Benjamim sendo o “jasmim” mencionado com tanto carinho em todo poema. Esse entendimento está visível na 3ª estrofe: “Tu és, poético e meigo / Como um trovar **namorado!** / Ou prelúdios alta noite / D’um **cantor** apaixonado!” (COSTA, 2001, p. 39, grifos nossos).

Nos versos “**Branco jasmim**, és tão lindo” “Tu és ó **brando jasmim**”, com o nome de Benjamim, levando-se em conta a menção do homem amado por meio da nasalidade de BRANco/BRANdo no lugar de BEM- e o nome da flor, JASMIM, por-JAMIM, com a supressão do S do nome da flor. Também faz-se o mesmo jogo de palavras do verso “**Vem, jasmim** alvinitente”, no qual “Vem” soa como ‘Ben-’ e “jasmim” conforme já explanado. (COSTA, 2001, p. 39, grifos nossos).

No último verso, “Deixa as auras, brandas liras / Que te inebriam de amor! /Que eu tenho cantos p’ra dar-te / Sublimes, só de candor!” (p. 40), a poetisa refere-se ao amor sublime e mais sincero que tem a oferecer, igualando-o ao que Benjamim mais amava na vida, seu instrumento e música. Talvez estivesse sentindo-se ofuscada ao pensar que Benjamim estaria dando mais valor à música do que ao seu amor, e assim, declara que essa paixão grandiosa que tinha a dar, também seria mais calorosa e intensa do que ele imaginava, pois estava disposta a tê-lo.

3.2 MINHA TERRA

O poema, presente nas páginas 112 e 113 do livro *Poesia* (2001), é composto por 10 estrofes, contendo 4 versos em cada uma delas, forma que

aparece em muitos dos poemas da autora. As rimas são externas e ricas, ainda que em alguns versos contenham rimas pobres como: “esperança/criança” e cruzadas como nota-se na primeira estrofe (ABCB). Na 4ª estrofe, 2.º verso, nota-se a figura de linguagem nomeada aliteração, repetindo o som da letra “P”: “Como o **p**obre **p**roscrito **p**or **p**ão!” (COSTA, 2001, p. 112). Há a assonância do “A” que se destaca em toda poesia, como a vogal **a**, ora fechada (patricias), ora aberta (vida) e a vogal **o**, ora fechada (sonho), ora aberta (solo), e a aliteração das nasais, como frequencia a do “l” e do “u”, trazendo também a ideia da lamentação ou choro. Contudo, nesta poesia, observa-se a métrica compostos por 9 sílabas (eneassílabos) produzindo ritmo.

Minha infância, meu sonho dourado,
Astro lindo que além se escondeu,
Por que as asas brandiste n'um vôo
E sorrindo fugiste p'ra o céu?...

A saudade minh' alma devora...
Que contigo fugiu-me a esperança!
E com ela um arcanjo mimoso,
Minha irmã, doce, meiga criança...

Eu fui logo, (que fado cruento!)
Do meu lar, tão criança banida!
Ai que dores! Que mágoas acerbadas
Desde então me atormentam a vida.

Eu chorei por meu berço mimoso,
Como o pobre proscrito por pão!
E sequer não ouvi neste mundo
Nem um brado de doce afeição.

E hoje ainda da pátria me lembro
Com dorida saudade e pesar;
Quando a noite desdobra seu manto,
E é mais brando, mais lindo o luar.

E me lembro... se as auras osculam
As ondinas cerúleas do mar,
Eu nas asas das auras desejo
A meu solo querido voar.

E as fimbrias do lindo horizonte
Do meu Norte, quem dera eu voar!
Para ver os anjinhos diletos
De meu puro e saudoso folgar!.

Para ver minha linda casinha,
Que, pequena, deixei a chorar,
Testemunha dos brincos da infância
Que jamais haverei de gozar.

Para ver minhas lindas patricias,

Visões puras d'um sonho dourado,
Que sorriem gentis entre as nuvens
Do meu vago e tristonho passado...

Mas é tudo p'ra mim impossível!
Tudo é sonho! quimera! ilusão!!!
Só real a saudade que sinto
Nesta negra e cruel solidão. (COSTA, 2001, p. 112-113).

Ao se analisar os versos, encontra-se a melancolia, pessimismo e retorno ao passado, juntamente com a exaltação da natureza, características típicas da primeira e segunda gerações do Romantismo. O tema principal seria a saudade da infância e a decepção por não ter alcançado, talvez, a vida que desejou ainda pequena, quando havia criado um mundo cheio de expectativas. Assim, relembra seu tempo de criança, como “meu sonho dourado” (COSTA, 2001, p. 112), ou seja, sonhos cheio de esperanças, em que tudo parecia ser mágico, porém agora estava partindo, perguntando-se: “Por que as asas brandiste n'um vôo /E sorrindo fugiste p'ra o céu?...” (COSTA, 2001, p. 112).

Júlia em sua infância, não foi uma menina triste, gostava de conversar, brincar e rir com suas amigas do colégio. Ler era o que a fazia esquecer-se do mundo. Para a poeta: “Triste pensava ela, é quando a gente não sabe o que fazer, não tem para onde ir, perdeu todos os amigos, não gosta de uma fatia de bolo”. Porém, com suas mágoas por Benjamim, havia uma aflição, algo que a incomodava verdadeiramente. Por esses motivos, lembrava seu passado, e seu maior desejo era poder voltar ao tempo de criança, pois se sentia protegida. Assim, esqueceria por um momento essas fortes apreensões. A poeta traz em seus versos a tristeza e o sofrimento, talvez pelo motivo da morte do pai e da irmã, como cita no verso: “Minha irmã, doce, meiga criança...” junto do abandono forçado da sua cidade natal. O autor Pereira aponta:

Tanto os versos anteriores como os posteriores a 1871, isto é, não só os escritos quando ela era solteira como os escritos depois de casada, refletem essa tristeza doentia e essa saudade profunda da quadra infantil, vivida na terra que tivera de deixar saudade e tristeza que, embora não se tenham extinguido se atenuaram com o perpassar do anos. (PEREIRA, 1982, p. 30).

Júlia sempre carregou a melancolia em seus versos, e é nítida a insegurança que tem ao estar mudando para outra cidade, sabendo que talvez nunca iria voltar à cidade que foi criada e que carregava com carinho as lembranças de Paranaguá.

A autora ainda fala das lembranças que traz a cidade onde nasceu e que, forçada, teve que deixar: “Eu fui logo, (que fado cruento!) / Do meu lar, tão criança banida!” (COSTA, 2001, p. 112), e em seguida, diz que essa tristeza a atormenta desde então. Traz-se a consciência da solidão, em que já não vê mais a alegria nas coisas simples da vida como quando era criança, sentindo-se entediada e incapaz de mudar esse vazio que carrega. Esse retorno ao passado é a busca por uma nova inspiração, pois esse mundo atual em que estava vivendo, passava por aflições e essa seria uma maneira de ser forte e capaz de realizar seus sonhos sem medo.

Sonhos que teve quando pequena, planejando sua vida adulta, ou até mesmo elaborando planos com Benjamim que por fim se decepcionou. Júlia passou a crer que sua vida seria só decepção, foi esperançosa e sonhadora demais e acabou se frustrando. Logo, acabava se isolando muito do seu mundo real, e essas lembranças do tempo de infância, a saudade triste, cheia de nostalgia, a deixava um pouco mais confortável e segura.

3.3 QUEIXAS

O poema que será apresentado é composto por cinco estrofes, com quatro versos em cada uma dessas, e as rimas, seguem a características das rimas ricas e cruzadas (ABCB). Verifica-se nela a anáfora, repetição das palavras em um mesmo verso, com 1º verso das estrofes 1 (Outrora / outrora), 2 (Que / que / que), 4 (Embalde / embalde) e 5 (Embalde / embalde) e a metáfora, como nota-se no verso: “Minh’alma chora e se retrai sozinha”. E no verso: “Que em noites claras pelo céu adeja!” encontra-se o paradoxo. A métrica do poema é formada por decassílabos sáficos, já que indica um tom mais feminino nos versos.

Outrora, outrora eu amava a vida
Meiga, florida na estação das flores!
Amava o mundo e trajava as galas
Dos matutinos, virginais amores.

Que sol, que vida, que alvoradas belas
Por entre murtas eu sonhava então,
Quando ao perfume do rosal florido
Da lua eu via o divinal clarão!

Hoje,debalde no rumor das festas
Procuro crenças que só tive um dia!
Minh’alma chora e se retrai sozinha,

O pó das lousas a fitar sombria!

Embalde, embalde, o bafejo amado
Da morna brisa minhas faces beija!
Meu peito é frio, como é fria a nuvem
Que em noites claras pelo céu adeja!

Embalde, embalde, no ruído insano
Das doidas festas eu procuro a vida!
Meu corpo verga... meu alento foge...

Sou como a rosa do tufão batida... (COSTA, 2001, p. 270).

Em relação às características ligadas ao Romantismo, pode-se afirmar que se encontram nos versos:

- Desilusão: Júlia criou planos ao longo de sua vida, sentimentos não correspondidos, sonhos não realizados, inclusive em casar-se com Benjamim, o que fez com que o desânimo a invadisse. Como a própria poeta cita, “De um coração morto não costuma sair boa poesia. A poesia precisa de crenças, de sonhos, de horizontes [...]. Eu ao contrário, me sinto seca, estéril, sem nada a dizer”. (GOMES, 2008, p. 174). Sua vida que antes sonhava de uma maneira radiante e bela, se transforma de forma obscura e cheia de mágoas. Encontrava-se sem esperanças.
- Fuga da realidade: Sua vida foi intensa e, além disso, viveu de maneira que não desejou, por isso, crê que as festas que costumava frequentar seriam a porta para voltar nesse passado repleto de alegria que um dia apresentou. “[...] eu gosto muito de organizar estas festas e de escrever sobre elas. É também uma espécie de fantasia, de fuga, tal como a poesia, só que sem o sofrimento [...]. (GOMES, 2008, p. 173). Júlia, tendo o contato com as festas, se sentia mais segura e feliz, sabia que essa vida social poderia trazer satisfações passageiras, fazendo-a esquecer da vida solitária que tinha, era como uma breve felicidade, mas que logo voltaria ao desânimo. No verso “Hoje debalde no rumor das festas/ Procuro crenças que só tive um dia!” (COSTA, 2001, p. 270), percebe-se essa ideia da fuga da realidade, procurando a felicidade que um dia fez parte da sua vida.
- Solidão: A poetisa se sentiu solitária a maior parte de sua vida, pois pensava de uma forma diferente. Foi uma pessoa contrária a muitas coisas impostas pela sociedade, por isso, sentia-se sozinha e sem nenhum apoio, fatores que ajudaram a fazê-la uma pessoa infeliz, como percebe-se no verso: “Minh’alma chora e se retrai sozinha”, (COSTA, 2001, p. 270), trazendo a ideia de que a poeta estaria só

e infeliz. Valorização da natureza e sentimentalismo: É somente na natureza que Júlia encontra a harmonia e paz que buscava, encontrando nela o seu bem-estar. A rosa que cita, seria a própria poetisa na fase em que sua vida era serena, porém agora, de tormento. Dessa maneira, tenta achar em algum lugar a calma que um dia teve, nem que fossem momentâneas – e essa seria, talvez, as festas em que ia frequentemente. “Meu corpo verga... meu alento foge... / Sou como a rosa do tufão batida...”.

Como romântica, Júlia traz o sentimentalismo nessa poesia e analisa o seu mundo como desejou há tempos, descreve com melancolia sua vida agora, solitária e fria, comparando-a com a natureza que é reluzente e irradiante, assim vê nela seu abrigo.

3.4 SÚPLICA

Este poema, presente nas páginas 166 e 167 no livro *Poesias*, apresenta 7 estrofes, contendo 4 versos em cada uma dessas. As rimas são externas e ricas e pode-se chamá-las também de rimas átonas, visto que rimam não tônica, mas atonamente como “Lá/Já”, exibido na 3ª estrofe. Elas são encadeadas (GHGH) e a métrica do poema é desenvolvido por 10 sílabas em cada verso.

Nas noites brancas distraída eu vejo
Vagar nos mares solitária luz;
Se a lua é clara mais a luz se mostra
Do azul das ondas ressurgindo a flux.

Se a lua é clara, encarando a terra
Sinto-me triste como a dor vergar;
Pois ouço vozes que me acordam sonhos
De um outro mundo que me faz cismar.

Olho tristonha para o mar que geme
Para esse mundo que eu adoro já,
E sinto n'alma um terror sem nome
Por essa lousa que me aguarda — lá.

Morrer... horrível — ir dormir na tumba
Co'as negras tranças perfumadas inda;
Pender a fronte sonhadora e bela
No pó da terra — solitária, infinda.

Deixar as flores, as borboletas brancas,
O sol da vida que nos faz sorrir;
O verde laço que nos diz: — Espera
Em face sempre de um gentil porvir.

Deixar a lira que modula hinos
 Pela saudade que o tufão consome;
 Deixar os risos, mocidade e crença
 Pelo sepulcro — escuridão sem nome.

Meu Deus, a vida! Eu desejo a vida
 O nada é triste, a solidão medonha;
 A morte é negra — o silêncio horrível,
 Na lousa o peito ilusões não sonha. (COSTA, 2001, p. 166-167).

Como características principais, “Súplica” apresenta:

- Desilusão e pessimismo: Observa-se que Júlia já está desiludida e infeliz com sua vida, contudo, agora de maneira mais evidente, deixando transparecer o anseio que tem pela vida solitária e descontente. Ela tinha passado por várias fases de desilusão e desgosto: Benjamim havia se casado com Isabel; Alferes Batista, rapaz que também teria sido uma de suas paixões platônicas, não tinha boas intenções, se interessando somente em seus bens materiais; seu marido, o Comendador, parecia levar uma vida agradável com ela, porém não se amavam como marido e mulher, visto que era um casamento imposto pela família.

Júlia estava cansada até de seus sonhos. Sentia-se frustrada com seus mundos inventados, que agora lhe causavam um certo medo, e sofria ao ver seus desejos, aqueles que transformava em poesia, esfatarem em suas mãos. (GOMES, 2008, p. 133).

Júlia nunca deixou de amar Benjamim, por mais que seu casamento tenha sido agradável, não era amor “Só Benjamim fizera com que seu coração desse um salto forte e seu peito, a respiração suspensa, as pernas oscilando. [...] Desde o primeiro momento ficara encantada com o rosto pálido de Benjamim [...]” (GOMES, 2008, p. 94). Isso mostra que Júlia acabou se tornando infeliz por planejar uma vida com outra pessoa, qual sempre desejou e ver seus sonhos serem desmoronados. Isso serviu para que trouxesse em seus versos somente a desilusão, pessimismo e tédio, como encarava sua vida nesta fase.

Além disso, o poema também apresenta:

– Atração pelo noturno: Ao falar da noite, tem-se a sensação do sombrio. Nesta fase da desilusão, é nítida a presença do gosto pelo noturno em suas poesias, dando a ideia de que Júlia já estaria entrando no mundo obscuro e desesperançado. Aos poucos, a noite vai se apossando da vida da poetisa ao

ponto de parecer não haver mais saída para essa vida, e só tendo o pensamento de que a morte seria sua alternativa para livrar-se desse sofrimento.

- Interesse pela morte: Nesta poesia, ao que indica, Júlia já estaria em sua fase de isolamento após o falecimento do Comendador, acabou perdendo a vontade de viver, sozinha, procurava ficar em seu quarto a maior parte do tempo, deixando-a ainda mais deprimida.

Quando descia para pegar alguma coisa para comer ou beber, Júlia parecia ter os olhos postos em outro mundo. O estrabismo aumentara e uma nuvem estacionara diante de seus olhos. Não encarava Tereza, não parecia ver nada a sua volta. (GOMES, 2008, p. 274).

Era como se Júlia já não pertencesse ao lugar onde se apresentava, estando somente de corpo presente, esperando que sua hora de partir chegasse logo, para que pudesse encontrar a paz novamente. Havia dias em que Júlia acordava disposta, porém noutros nem saía de seu quarto. Assim, tem-se o entendimento de que a autora já estaria aceitando a morte como resgate desse mundo obscuro e isolado, como percebe-se no verso: “Pois ouço vozes que me acordam sonhos/ De outro mundo que me faz cismar”.

Júlia, muitas vezes, não se sentia parte deste mundo, “[...] se sentia só, sem ter com quem compartilhar as ansiedades relacionadas à literatura e à vida que escolhera” (GOMES, 2008, p. 131). Ela não era compreendida pelo modo como pensava e a vida que escolhera. Isso afetava seus sentimentos, porém Júlia nunca deixou de fazer o que quis, foi uma mulher forte e corajosa. Quando publicaram o primeiro artigo falando sobre seu primeiro livro *Flores Dispersas*, Maria Clara, amiga de Júlia, exclama: “Que comentários farão no clube aqueles pançudos que acham que as mulheres só servem para lavar roupa e emprenhar? As mulheres, além de telegrafistas, já podem escrever livros!”. (GOMES, 2008, p. 65). Júlia teria dado seu primeiro passo para a transformação da figura da mulher no século XIX, representando as que não tinham coragem de expor suas opiniões. Sendo assim, Júlia se tornou uma das primeiras poetisas paranaense a cumprir esse papel de seguir à frente de seu tempo e lutar por uma causa justa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo abordou primeiramente o contexto da figura da mulher do século XIX e XX para, então, fazer uma análise da poeta Júlia da Costa. Assim, verificou-se que na época em que a autora viveu existia uma grande diferença entre os papéis masculinos e femininos, principalmente porque as mulheres desse período não tinham direito de exercer um trabalho no âmbito social, tendo sua educação somente voltada às tarefas domésticas e sua vida predestinada a encontrar um homem com condições favoráveis para casar-se.

No primeiro capítulo, apresentou-se a relação que a mulher tinha com o trabalho na metade do século XIX, como era vista a sua figura perante a sociedade e algumas primeiras autoras femininas paranaenses, que finalmente tiveram um espaço, mesmo reduzido, na literatura.

Após este breve olhar sobre a história, este trabalho teve o propósito de abordar brevemente a biografia da poetisa a partir dos livros *Traços da vida da poetisa Júlia da Costa*, de Carlos da Costa Pereira, e *Júlia*, de Roberto Gomes, ambos baseados em cartas escritas por Júlia da Costa e recuperadas pela pesquisadora Rosy Pinheiro.

A partir dessas biografias, pôde-se verificar qual era de fato a posição de Júlia no meio social que estava inserida em sua época, sabendo-se que foi uma mulher que não admitia as desigualdades tanto sociais como culturais entre homens e mulheres, e muito criticada por ser atrevida. Observou-se que a poetisa serviu de exemplo tanto para outras escritoras quanto para os leitores do sexo feminino, que foram influenciadas a refletir sobre a situação patriarcal que as desfavoreciam e assim, incentivadas a buscar o poder de decidir sobre suas escolhas e não ficar mais a mercê do que a sociedade ou a figura masculina impunham a elas.

Em seguida, este trabalho trouxe uma análise da vida de Júlia da Costa relacionando-a a suas poesias, verificando nelas a presença da sua infância, sua paixão por Benjamim e seu casamento com o Comendador Francisco. A intenção foi descobrir mais sobre a história de Júlia da Costa, possibilitando maior compreensão e conhecimento de quem foi de fato essa grande autora. Com essa análise, se trazem considerações importantes sobre questões sociais da época e esclarecem-se dúvidas que ainda se tinham, tanto em relação à sua vida conjugal quanto à sua fisionomia, entre outros.

Por fim, após a conclusão deste trabalho, pode-se afirmar que Júlia da Costa foi uma mulher que não abriu mão de suas próprias vontades e retratou de outra maneira a figura da mulher vista no fim do século XIX e começo do século XX. Por mais que talvez tenha sido infeliz em seu casamento com Francisco, não deixou de fazer o que mais gostava por conta dos parâmetros que a sociedade definia: escrever poemas.

A poeta buscou na literatura o meio de expor seus anseios e revoltas com a intenção de estimular o pensamento das mulheres de que deveriam começar a pensar e agir diferente, e que percebessem a falta de igualdade que existia entre os sexos. Ela contribuiu para a busca de mudanças no papel da mulher nessa esfera social.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Aline Letícia R. de. A escrita feminina na imprensa caxiense até 1920 em "O estímulo". In: ZINANI, Cecil J. A.; SANTOS, Salete R. P. dos. (Org.) **A mulher na história da literatura**: estudos da produção literária de escritoras da Região de Colonização Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2015. p. 13-42.
- BELO, Maria T. Moura. **Comentar um texto literário**. Lisboa: Editora LDA, 1985.
- BUENO, Alexandra P. **Educação e participação política**: a visão de formação feminina de Mariana Coelho. 2010. 129 f. Dissertação (Pós-graduação em Educação). Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.
- CEREZER, Larissa. **No recanto da intimidade**: Reflexões sobre a mulher e a família burguesa no brotar do século XX. 2008. 9 f. Artigo Científico (Graduação de História da Universidade do Estado de Santa Catarina), Florianópolis, 2008.
- COSTA, Júlia da. **Poesia**. Texto organizado por Zahide Lupinacci Muzart. 1. ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.
- D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary Del (Org). **História das mulheres no Brasil**. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- GOMES, Roberto. **Júlia**. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2008.
- GOMES, Roberto. Quem foi Júlia. In: **Revista Helena**, BPP, Curitiba, p.1-4. 2014.
- GOMES, Roberto. Roberto Gomes. In: **Paio Literário**, Curitiba, jan. 2012.
- MELLO, Ludmila Giovanna Ribeiro de. **Representações femininas no romance histórico escrito por mulheres**: Um estudo comparativo entre dois textos do século XX. 2008. 110 f. Dissertação (Pós-Graduação em Estudos Literários) Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Araraquara, 2008.
- MODELSKI, Jaqueline; SANTOS, Salete R. Pezzi dos. O lugar de Lydia Mombelli da Fonseca na história da literatura. In: ZINANI, Cecil. J.A.; SANTOS, Salete R. P. dos. (Orgs). **A mulher na história da literatura**: estudos da produção literária de escritoras da Região de Colonização Italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2015.
- MUZART, Zahidé L. Júlia da Costa, a rosa do tufão batida... In: COSTA, Júlia da. **Poesia**. Texto organizado por Zahide Lupinacci Muzart. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001. p. 15-23.
- NÓBREGA, Aldine. **Júlia Maria da Costa**: sentimentos e sensações poéticas. 2005. 45 f. Monografia (Pós-Graduação em Ensino de Línguas Estrangeiras Modernas). Setor de Ciências Humanas, Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná, Curitiba, 2005.

PEREIRA, Carlos da Costa. **Traços da vida da poetisa Júlia da Costa**. Florianópolis: FCC, 1982.

SANTOS, Salete R. Pezzi dos; ZINANI, Cecil J. Albert. **A mulher na história da literatura**. 2.ed. Caxias do Sul: Educs, 2015.

SANTOS, Salete R. Pezzi dos; ZINANI, Cecil J. Albert. **Mulher e literatura**: história, gênero, sexualidade. Caxias do Sul: Educs, 2010.

SILVA, Michelle Pereira. **A mulher e a educação no contexto republicano**: a profissionalização feminina no magistério primário. 10 f. Artigo Científico (Universidade Federal de Uberlândia) Disponível em: <<http://www2.faced.ufu.br/nephe/images/arq-ind-nome/eixo5/completos/mulher-e-edu.pdf>>. Acesso em: 06 abr. de 2018.

TEIXEIRA, Nínia C. R. Borges. **Letras e silêncio**: a escrita de autoria feminina no Paraná. 2013. 8 f. Artigo Científico (Universidade Estadual do Centro-Oeste), Guarapuava, 2013.

WOELLNER, Adélia Maria. A voz da mulher na literatura. In: **Revista de literatura, história e memória**, Cascavel, v.3, n.3, p. 9-34. 2007.

ZINANI, Cecil J. A.; SANTOS, Salete R. P. dos. **A mulher na história da literatura**. 2.ed. Caxias do Sul, RS: Educs, 2015.

ZINANI, Cecil J. A.; SANTOS, Salete R. P. dos. **Mulher e literatura**: história, gênero, sexualidade. Caxias do Sul, RS: Educs, 2010.